

# As moradas eternas do brigadeiro Sampaio

Júlio Lima Verde Campos de Oliveira\*

## Introdução

O translado dos restos mortais do brigadeiro Antônio de Sampaio, desde o seu falecimento a bordo do vapor-hospital Eponina, nas cercanias de Buenos Aires, em seis de julho de 1866 até o seu repouso definitivo no seu Panteão na Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção, em Fortaleza, Ceará, será apresentado de uma maneira resumida, mostrando as eternas moradas em que teve pouso.

O jornal *La Nación* noticiando o infasto acontecimento, escreveu:

Diremos de passagem que esse chefe é um dos homens mais valentes que se podem encontrar, foi seu desmedido valor que de soldado o levou a general, sendo hoje ainda moço. Na batalha de 24 de maio, o brigadeiro Sampaio, com sua brilhante divisão, chamada Encouraçada, por compor-se das melhores tropas brasileiras, foi a que aguentou o inimigo e, no meio de um fogo infernal, viu-se o Brigadeiro Sampaio a cavalo dirigindo ousadamente suas manobras.

Foi ferido e, momentos depois, morto o seu cavalo. Então a pé, continuou, com sua espada em punho, a dirigir as suas forças. Vendo cair ferido o comandante do heróico 4º Batalhão de Voluntários, vários oficiais e a metade dos soldados dessa unidade, compreendendo que esse batalhão era a chave desse círculo de

baionetas, colocou-se à frente do mesmo com o quê, por tal forma o animou, fazendo que o 4º Corpo se fizesse dizimar pelo inimigo, mas sempre mantendo a sua posição.

Foi nessa ocasião que o general Sampaio, sendo novamente ferido, caiu nos braços de seus soldados e foi conduzido exangue ao seu quartel-general.<sup>1</sup>

## Cemitério Municipal de Buenos Aires

O corpo do Brigadeiro Antônio de Sampaio ferido por três vezes na cruenta batalha de Tuiuti, em vinte e quatro de maio de 1866, ao chegar à capital portenha, recebeu todas as atenções por parte das autoridades argentinas e do corpo médico brasileiro, que o acompanhou nos últimos momentos em vida.

Após as preparações do corpo, o enterro foi realizado no Cemitério Municipal de Buenos Aires, atual Cemitério da Recoleta, tendo o cortejo saído do local onde se encontrava às 14 horas, com a presença de ilustres personalidades e do povo argentino. Ao baixar o túmulo, em oito de julho de 1866, o bravo Brigadeiro foi exaltado pelo ministro e secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros da Argentina, D. Rufino de Elizalde. O referido sepultamento foi registrado no livro de 1866, folha 355, onde consta ter sido enterrado "quem era em vida o Brigadeiro

\* Gen Div (AMAN/68), doutor em Ciências Militares (ECEME/83), pesquisador associado do CEPHiMEX e assessor cultural do Comando da 10ª Região Militar.

Antônio de Sampaio, de 55 anos de idade, na Seção Sete”.

### **Igreja do Bom Jesus da Coluna do Asilo dos Inválidos da Pátria**

Os restos mortais de Sampaio permaneceram em solo argentino por mais de três anos, quando foi decidida pelo Governo Brasileiro, a sua repatriação para a cidade do Rio de Janeiro, sendo fixada a data de 20 de dezembro de 1869 para a transladação dos seus despojos para o Asilo dos Inválidos da Pátria, onde foi sepultado na cripta da Igreja de Bom Jesus da Coluna, situada na ilha do Bom Jesus, sede do citado Asilo. No féretro, seus restos mortais foram recebidos pelo próprio imperador D. Pedro Segundo.

Decidido o sepultamento dos restos mortais do brigadeiro Antônio de Sampaio no Asilo dos Inválidos da Pátria, na ilha do Bom Jesus, no interior da Baía da Guanabara, no Rio de Janeiro, o ministro da Guerra, em nota de 16 de dezembro de 1869, fixou as solenidades que deviam ser tributadas ao Herói de Tuiuti.

Dizia o documento:

Programa do saimento e depósito do cadáver do brigadeiro Antônio de Sampaio na Capela do Asilo dos Inválidos na ilha do Bom Jesus. O saimento terá lugar, conduzindo-se o cadáver por mar, desde a Capela do Arsenal de Guerra, onde se acha recolhido, até à do Asilo dos Inválidos, onde tem de ser depositado. No dia e hora que o ministro da Guerra marcará para esta solenidade fúnebre, uma brigada da Guarda Nacional, composta de dois batalhões de infantaria e um de artilharia, achar-se-á formada nas imediações do Arsenal de Guerra, estendendo-se os dois batalhões de infantaria

pelo Largo do Moura e Rua D. Manoel, e o de artilharia, pela praia de Santa Luzia, a fim de darem as descargas e salvas correspondentes ao posto de marechal; em cujo exercício se achava o falecido brigadeiro na ocasião em que recebeu os ferimentos, de que lhe resultaram a morte...<sup>2</sup>

### **Matriz de Fortaleza (Sé) – Igreja de São José (Catedral de Fortaleza)**

Entretanto, seus restos mortais não permaneceriam muito tempo nas terras cariocas. O povo cearense passou a reclamar dos dirigentes estaduais, pelos sagrados despojos, tendo, em 1871, um ano após o término da Guerra da Tríplice Aliança, adotado as medidas oficiais no sentido de construir um mausoléu para receber os restos mortais de seu herói, admirado pelo povo cearense.

Em entendimentos mantidos com o Governo Imperial, em 16 de novembro de 1871, foi efetuada a retirada em um ataúde dos Inválidos da Pátria dos seus restos mortais, os quais foram transportados no paquete Cruzeiro do Sul para Fortaleza, onde estava sendo concluído um mausoléu no cemitério público da capital cearense, mais tarde denominado de Cemitério São João Batista.

No dia marcado para a viagem, o ataúde do brigadeiro foi retirado do Asilo dos Inválidos às seis horas da manhã, de 16 de novembro daquele ano de 1871, assistindo ao ato, a convite do ministro da Guerra de então, o visconde de Jaguaribe, presentes ao ato o visconde do Rio Branco, presidente do Conselho e o ministro da Marinha, conselheiro Duarte de Azevedo, o general Bartolomeu Mitre, Conselheiro Alencar

Araripe, barão Homem de Melo e outras autoridades.

O corpo seguiu a bordo do paquete Cruzeiro do Sul, em câmara ardente, aos cuidados do tenente Felipe de Araújo Sampaio, do 14º Batalhão de Infantaria.

Esse vapor chegou a Fortaleza na manhã de 25 do dito mês de novembro, mas o ataúde, por causa da maré, só pôde ser desembarcado à tarde, procedendo-se às honras fúnebres durante o trajeto, desde o porto até a catedral, onde foi depositado; na ocasião, formaram o 14º de Infantaria e a Companhia de Aprendizes de Marinheiro, salvando a Fortaleza.

Pegaram nas alças do caixão o presidente da Província, conselheiro barão de Taquari, o presidente da Assembléia provincial barão de Aquiraz, o comandante da Guarda Nacional, comendador João Antônio Machado, o vice-presidente da Província, comendador Joaquim da Cunha Freire, o barão de Ibiapaba, o comendador Dr. José Lourenço de Castro e Silva, presidente da Comissão de Recepção e o reverendo padre Antônio Pereira de Alencar, membro da mesma comissão.<sup>5</sup>

### **Mausoléu no Cemitério São João Batista**

O vapor chegou a Fortaleza no dia 25 de novembro de 1871, tendo sido recebido com honras fúnebres. O ataúde foi depositado na cripta da Igreja Matriz de São José, hoje a Catedral de Fortaleza, enquanto era concluído o mausoléu, cuja inauguração somente ocorreu em 25 de outubro de 1873.

Cerca das seis horas da manhã, de acordo com o programa estabelecido, efetuou-se o ato fúnebre com grande imponência, saindo o ataúde com o corpo do brigadeiro Antônio de Sampaio para o mausoléu construído no cemitério público da cidade.

A cerimônia revestiu-se de grande aparato, com assistência do mundo oficial. Seguraram nas fitas do féretro o conselheiro José Martiniano de Alencar, senador Tomaz Pompeu de Souza Brasil e o comendador Joaquim da Cunha Freire, presidente da Assembléia e da Câmara.

No decurso do desfile do préstito fúnebre, ouviram-se as salvas executadas pela fortaleza e por uma corveta que se encontrava no porto. Uma brigada, comandada pelo coronel João Nepomuceno da Silva, formada do 15º Batalhão de Caçadores e do 1º de Fuzileiros, de um Batalhão da Guarda Nacional e da Companhia de Aprendizes de Marinheiro, prestou as honras militares.

No cemitério, de uma tribuna para isso armada, discursaram o Dr. Augusto Gurgel, o comendador José Lourenço de Castro e Silva, presidente da Comissão incumbi-



Figura 1 – Mausoléu no Cemitério São João Batista em Fortaleza

Fonte: acervo do autor

da da construção do monumento e várias outras pessoas, que se fizeram ouvir com poesias apropriadas ao momento.<sup>4</sup>

Nesse local sagrado, o valoroso guerreiro permaneceu por aproximadamente 93 anos, até que, no ano de 1966, dentro das Comemorações do Centenário da Batalha de Tuiuti, foi incluída a retirada dos restos mortais de Sampaio, do cemitério para outro mausoléu construído pela Prefeitura de Fortaleza em uma das mais modernas avenidas recém-inauguradas, a Avenida Bezerra de Menezes, onde o túmulo de Sampaio seria mais visto pelo seu povo.

O local escolhido foi defronte ao aquartelamento do Centro de Preparação de Oficiais da Reserva (CPOR), passando seus jovens alunos a guardar o referido monumento. A concretização deu-se em cinco de maio de 1966, com a exumação dos restos mortais, e a respectiva lavratura do termo de exumação.

### **Mausoléu na Avenida Bezerra de Menezes**

No dia 24 de maio de 1966, às 7h45min, partiu do Cemitério São João Batista o cortejo fúnebre conduzindo os despojos do brigadeiro Sampaio, que passaram a repousar no novo Mausoléu construído no canteiro central da Avenida Bezerra de Menezes. Mais um local era ocupado pelos restos mortais do nosso valoroso cabo de guerra em seu sono eterno.

O cortejo fúnebre foi formado por uma linha de doze alunos do Colégio Militar, montados, empunhando as Bandeiras Históricas, seguida de uma linha de tambores, também daquele educandário; após o quê, marchavam seis oficiais de Infantaria con-

duzindo, sobre almofadas, as condecorações do homenageado; logo após, deslocava-se a carreta fúnebre, tracionada por seis cavalos, conduzida por dois soldados, acompanhada de altas autoridades.

Às sete e quarenta e cinco, ao partir o cortejo, uma bateria de canhões de 37mm do 23º BC executou as salvas; ao chegar ao Panteão, foi o cortejo recebido por outra salva, executada por uma bateria de 75mm, do 10º GO-105.

Após a chegada do marechal João Batista de Matos, representante do presidente da República, foi hasteada a Bandeira Nacional com o Hino, seguindo-se novas salvas, agora com canhões 105mm, do 10º GO.

Em seguida, a jovem cearense que conduzia o Fogo Sagrado, em uniforme da época de Sampaio, montada em um corcel, escoltada por vaqueiros de Tamboril, acendeu a pira disposta diante do Panteão, ocasião em que o madrigal da Universidade Federal do Ceará cantou a Canção da Infantaria.

Em prosseguimento, o prefeito de Fortaleza, general Murilo Borges, fez entrega do Panteão ao Exército, representado na pessoa do general Itiberê Gouvêa do Amaral. Terminado o ato, o oficial de Relações Públicas da 10ª RM procedeu à leitura da ordem do dia do ministro da Guerra.

Passados quase trinta anos, a cidade de Fortaleza se expande com rapidez. O CPOR de Fortaleza é extinto. O aumento desenfreado na quantidade de veículos torna a Avenida Bezerra de Menezes uma via de grande movimento. A permanência do mausoléu na avenida fica inviável. Mais uma vez é estudado um novo local para abrigar os restos mortais de Sampaio.

## Panteão Brigadeiro Sampaio

Fruto dos estudos para escolha de um local definitivo e graças aos esforços do general de exército Domingos Miguel Antônio Gazzineo, antigo comandante da 10ª Região Militar, junto ao ministro do Exército, general de exército Zenildo de Lucena, e com o apoio da Prefeitura de Fortaleza, foi erguido, na parte frontal da Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção, um panteão destinado a ser a morada definitiva do grande soldado, o brigadeiro Sampaio.

A instalação do panteão nesse sítio histórico teve um forte simbolismo por estar, justamente, no mesmo local onde o jovem sertanejo Antônio de Sampaio, se alistou na longínqua data de dezoito de julho de 1830. Naquela ocasião, estava sediado na Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção o quartel do então 22º Batalhão de Caçadores, primeira unidade militar que abrigou Sampaio.

Finalmente, no dia vinte e quatro de maio de 1996, é realizado o último traslado dos res-

tos mortais do Patrono da Infantaria, para o seu Panteão, que passa a abrigar definitivamente os despojos desse bravo guerreiro.

## Conclusão

O caminho foi longo desde o Cemitério da Recoleta em Buenos Aires, passando sucessivamente pela ilha do Bom Jesus no Rio de Janeiro; Cripta da Igreja Matriz de São José; Mausoléu no Cemitério São João Batista; Mausoléu na Avenida Bezerra de Menezes e finalmente o Panteão Brigadeiro Sampaio, em Fortaleza, Ceará. Todos estes locais sagrados foram, cada qual, ao seu tempo, as eternas moradas do brigadeiro Sampaio, Patrono da Infantaria.

No corrente ano, decorridos vinte anos de existência do seu Panteão, desejamos que o espírito imortal de Sampaio permaneça para sempre, guarnecendo as seculares muralhas da nossa Fortaleza e inspirando as sucessivas gerações de infantis do nosso Exército com seus exemplos de coragem e determinação. **REB**

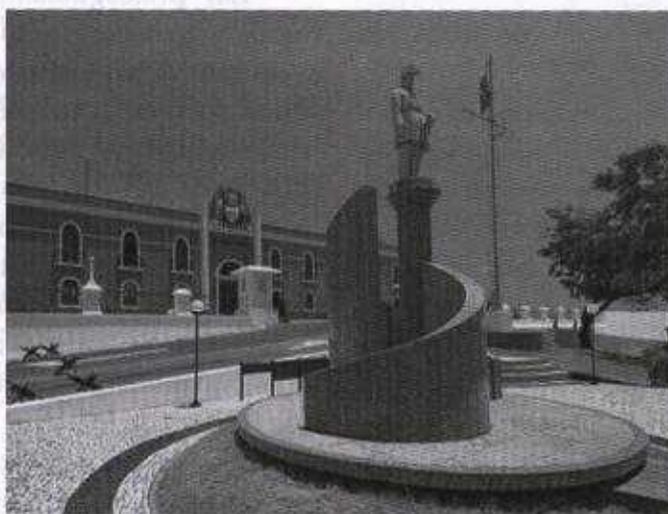


Figura 2 – Panteão de Sampaio, última e definitiva morada eterna  
Fonte: acervo do autor

## Referências

CERQUEIRA, Dionísio. *Reminiscências da campanha do Paraguai, 1865-1870*. Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército Editora, 1980.

DUARTE, Paulo de Queiroz. *Sampaio*, Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército Editora, 2010.

FÉ de Ofício de Antônio de Sampaio. Arquivo Histórico do Exército.

FÉ de Ofício de Olegario Antônio de Sampaio. Arquivo Histórico do Exército.

LIMA, Mauro Lopes. *O infante imortal*. São Paulo, Caravelas, 1966.

SOUSA, Eusébio de. *Sampaio, patrono da infantaria, esboço biográfico, 1810-1866*. Fortaleza, Edésio, 1938.

N. da R.: A adequação do texto e das referências às prescrições da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) é de exclusiva responsabilidade dos articulistas.

1 DUARTE, Paulo Queiroz. *Sampaio*, BIBLIEx, 2010. Pag 280.

2 Id. *Ibid.* P. 283.

3 Id. *Ibid.* P. 287

4 Id. *Ibid.* P. 290